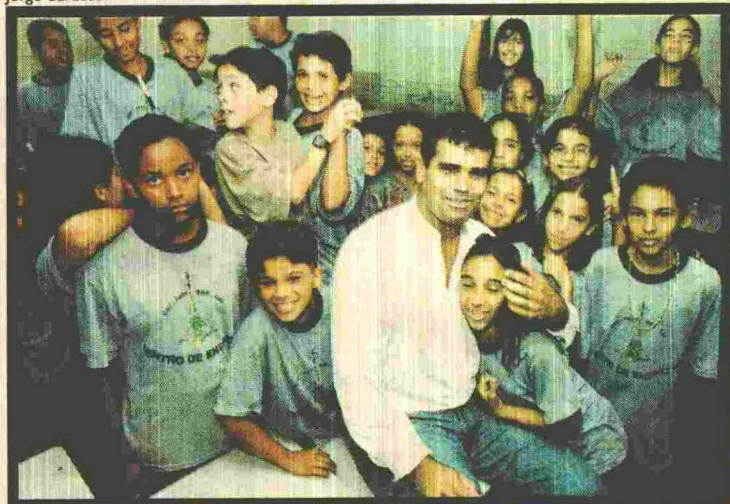


Maioria dos especialistas ouvidos pelo **Correio** defende que, apesar de exigir cuidados especiais (como melhor capacitação do professor), sistema de fases deve ser ampliado

O dilema da repetência

Jorge Cardoso



CLÁUDIO E ALUNOS DA CEILÂNDIA: LIBERDADE PARA TRABALHAR O CONTEÚDO

O estudo encomendado pela Secretaria de Educação do DF à Cesgranrio foi o mesmo que serviu de base para os argumentos da secretária Eurides Brito para extinguir a Bolsa Escola. Ela, à época, disse que o programa não tinha bons resultados, uma vez que os alunos beneficiados foram os que apresentaram os piores desempenhos nos testes de matemática e português aplicados na pesquisa. Isso fez com que os deputados distritais do PT na Câmara Legislativa pedissem cópias dos estudos. O curioso é que quando a Secretaria de Educação as enviou, o trecho do relatório que se referia à análise dos colégios que adotavam a proposta da Escola Candanga foi riscado, assim como as três páginas onde estavam as observações dos pais, professores e direção das cinco escolas favoráveis ao sistema de ciclos.

Depois que a análise dos cinco colégios foi suspensa, a Cesgranrio preparou um novo relatório e modificou sua apresentação, retirando a menção que fazia a qualquer análise qualitativa. Essa pesquisa final foi o principal argumento usado pela Secretaria de Educação para terminar com a Escola Candanga, baseando-se nos resultados dos testes de Matemática e Português aplicados aos alunos dos dois sistemas.

Participaram desses testes alunos da 2ª e 5ª séries das escolas seriadas e da 1ª e 2ª fases da Escola Candanga. O resultado não apontou grande superioridade no rendimento dos alunos de nenhum modelo, mas praticamente um empate entre os dois sistemas. Os alunos da 1ª fase da Escola Candanga se saíram melhor que os alunos da 2ª série nas duas

disciplinas, com uma média três pontos maior em português e matemática. Já entre os estudantes mais velhos, houve vantagem para os alunos seriados. Em português, eles tiveram um rendimento médio maior de dois pontos nas duas matérias.

GASTOS MAIORES

Para Eurides, os resultados foram um bom argumento para acabar com o projeto. "Os professores ficavam menos em sala de aula porque passavam a tarde em horário de coordenação. Isso representava um gasto maior e os resultados não eram significativos", diz. Outro argumento é que, devido à Escola Candanga, se tornou comum encontrar alunos de 5ª e 6ª séries que não sabiam ler e escrever.

Esse se tornou um argumento muito utilizado por aqueles que criticam o sistema de ciclos. Como o aluno não é aprovado ou reprovado no final do ano e conti-

nua estudando naquela fase, os críticos dizem que o sistema de ciclos é uma falsa saída para combater a repetência.

Os defensores do sistema de ciclos, no entanto, estão convencidos do contrário. "Alunos na 5ª série sem saber ler é uma notícia maravilhosa, porque significa que ainda temos uma chance de ensiná-los. O que não aconteceria se eles abandonassem os estudos depois de várias reprovações no sistema seriado", argumenta Vera Lúcia Wey, especialista da Secretaria de Educação de São Paulo, onde o sistema de ciclos foi implementado em 1998. "O DF deu um passo atrás."

Maria Helena Castro se preocupou ontem, ao divulgar a pesquisa, em chamar atenção para a infertilidade de discussões assim. "São duas visões extremadas que nada contribuem para a qualidade do ensino", diz. Ela alertou para a necessidade de se investir na formação do professor — que, sem estar capacitado

para trabalhar com o sistema de ciclos, jamais poderá fazer um bom trabalho, mesmo que o modelo seja melhor.

O fato é que o sistema de ciclos traz uma série de inovações que exigem muito do educador. "O professor não pode mais simplesmente dizer que fez sua parte e reprovar o aluno, culpando a criança por não ter aprendido", analisa o presidente do Conselho Nacional dos Secretários Estaduais de Educação, Éfrem Maranhão.

"É trabalhoso. Mas, se bem feito, os resultados são excelentes", garante o professor Cláudio Viana. Ano passado, Cláudio desenvolveu trabalho com sua turma da Escola Classe 2 da Ceilândia, que adotava o modelo de ciclos, e terminou vencedor no concurso *Brasília vai aos 500 anos*, promovido pela Secretaria de Educação.

O concurso era composto de provas de História do Brasil e era destinado aos alunos da 5ª série. "Como nossa escola era dividida em ciclos tivemos dificuldade em nos inscrever", lembra. Hoje ele está convencido de que foi o sistema de ciclos que ajudou a turma a ser vencedora e embarcar numa viagem para Porto Seguro. "Nós tínhamos mais liberdade para trabalhar o conteúdo e fizemos um trabalho que envolvia várias disciplinas. Meus alunos tinham uma visão mais geral", explica. Ele diz que o fato de ter alguns alunos com mais dificuldades que outros na sala foi positivo. "Virou um trabalho em grupo, com todos ajudando todos. Hoje fico feliz porque alguns alunos meus que, no sistema de séries, não estariam estudando naquela turma, nunca teriam a chance de se sentirem vencedores", conclui.



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL
DO DISTRITO FEDERAL



FUNDAÇÃO
CESGRANRIO

I. APRESENTAÇÃO

Este relatório sintetizará os primeiros resultados obtidos na pesquisa avaliativa das escolas não seriadas do Distrito Federal, realizada em junho de 1998, pela Fundação Cesgranrio.

Foram objetivos da pesquisa:

- avaliar a aprendizagem escolar dos alunos do ensino fundamental não seriado e seriado do Distrito Federal, através da aplicação de provas de Português e Matemática, em todos os alunos do ensino não seriado e em uma amostra de alunos do ensino seriado;
- realizar uma avaliação qualitativa de cinco unidades, desenvolvendo o projeto de ensino fundamental não seriado, selecionadas para a realização de estudos de caso, a partir dos critérios de localização, tamanho e representatividade regional;
- analisar a movimentação escolar dos alunos, incluindo os matriculados no ensino regular noturno semestral, nas escolas do Distrito Federal e a oferta de disciplina.

Fazem parte ainda da pesquisa avaliativa cinco estudos de caso conduzidos em escolas selecionadas pela direção da Fundação Educacional do Distrito Federal. No corpo deste relatório serão incluídas uma breve identificação da pesquisa qualitativa e aspectos comuns encontrados.

RELATÓRIOS COM AS ANÁLISES PRELIMINARES SOBRE ESCOLA CANDANGA: RISCADOS QUANDO FORAM ENVIADOS A DEPUTADOS DA OPOSIÇÃO



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL
DO DISTRITO FEDERAL



FUNDAÇÃO
CESGRANRIO

Pontos Comuns

Os dados colhidos a partir das notas de campo, gravações, vídeo, fotografias, grupos focais, entrevistas e resumos orais dos pontos-chaves, permitiram a identificação de pontos comuns.

Houve algumas falhas na implantação do Projeto:

- grande número de escolas aplicando a proposta ao mesmo tempo, sem a devida preparação de professores e diretores para o trabalho;
- por acharem que a Proposta é boa, as escolas se empenham para trabalhar cada vez melhor o Projeto. Esbarram, porém com a falta de embasamento teórico para algumas práticas;
- faltaram também orientações básicas para alguns procedimentos, como a execução do relatório de turma e do projeto político-pedagógico das escolas;
- o processo já foi deflagrado, os professores estão empenhados no trabalho e na sua auto-formação. Algumas soluções já foram encontradas e postas em prática com sucesso;
- o tempo de coordenação e de sala de aula tem sido, em sua maioria, bem aproveitado (há exceções, mas estas não valem a interrupção do que está dando certo);
- é grande a aceitação do que é proposto pela Escola Candanga (redução da repetência e da evasão, da falta de conhecimento do aluno, o grande...